

Onde estão os Professores (?)

Fernando Nunes

nº 70

Novembro/
Dezembro
de 2002



EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

Directora

Joana Brocardo

Sub-Directora

Adelina Precatado

Redacção

Alice Carvalho

Ana Paula Canavarro

António Fernandes

Elisa Figueira

Fátima Guimarães

Helena Amaral

Helena Fonseca

Helena Rocha

Isabel Rocha

Lina Brunheira

Manuela Pires

Maria José Boia

Paula Espinha

Paulo Abrantes

Colaboradores Permanentes

A. J. Franco de Oliveira

Matemática

Eduardo Veloso

“Tecnologias na Educação

Matemática”

José Paulo Viana

“O problema deste número”

Lurdes Serrazina

A matemática nos primeiros anos

Maria José Costa

História e Ensino da Matemática

Rui Canário

Educação

Paginação e Pré-Impressão

Gabinete de Edição da APM

Entidade Proprietária

Associação de Professores de

Matemática

Tiragem

5000 exemplares

Periodicidade

Jan/Fev, Mar/Abr, Mai/Jun,

Set/Out e Nov/Dez

Impressão

Printipo – Indústrias Gráficas, Lda.

N.º de Registo: 112807

N.º de Depósito Legal: 72011/93

Para quem já deu alguma atenção e reflectiu sobre a educação, será uma banalidade dizer que ela é um campo complexo onde interagem grupos sociais e profissionais distintos, se jogam interesses diversos e se confrontam ideologias e políticas variadas. Não é fácil encontrar consensos, ainda por cima num tempo em que o contexto é tão rapidamente mutável, evoluindo de dia para dia. Além disso, dentro dos diversos grupos (professores, alunos, encarregados de educação, autoridades educativas, elementos da comunicação social fazedores de opinião, etc.) é natural a existência de opiniões diferentes e até contraditórias.

Os professores estão na confluência de tudo isto. São eles que têm uma responsabilidade próxima na educação dos alunos e que têm, em última análise, de gerir as contradições existentes, nem mais nem menos. Não podem fugir destas evidências. No entanto, também não podem deixar de dizer o que acham, avaliar as directivas e a sua coerência, falar sobre as condições de trabalho, explanar posições, pedir igualmente responsabilidades aos outros sectores que realmente as têm de assumir e exigir ajuda e colaboração, procurando uma cooperação aberta com todos, sejam eles igualmente professores ou não.

Talvez seja outra banalidade dizer-se que não se consegue fazer nada sem os professores, que nenhuma mudança, revisão, reorganização ou reforma pode singrar de facto sem a sua participação activa. Pode ser que seja trivial, mas não é isso que tem sido assumido pelo poder político, antes ou depois do 25 de Abril de 1974. Houve ocasiões em que os professores intervieram mais do que noutras, mas essa evidência relativa à necessidade de envolvimento dos professores nunca foi levada às últimas consequências.

Estamos numa fase em que a presença dos professores do básico e do secundário, níveis de ensino onde se pretendem efectuar mudanças, está muito rarefeita. Qual tem sido a solicitação para a participação destes profissionais na elaboração de finalidades e na delineação de linhas de actuação? Como está a sua representação em órgãos entretanto criados? Quase nula, é a resposta a ambas as perguntas. Tal não tem inibido a APM de se expressar, dirigindo-se às autoridades educativas, respondendo a solicitações da comunicação social ou aceitando convites para intervir oficialmente. A nossa ida à Comissão para a promoção do estudo da matemática e das ciências foi um desses momentos, uma oportunidade para explicar o que tem sido o nosso trabalho e as nossas ideias e opiniões. Será que iremos ver consequências? Isso não sabemos, nem nos foi garantido. O que posso dizer é que acho importante continuar o debate entre nós, condição para reforçar a coerência e força das posições que iremos defender futuramente.

Fernando Nunes
Presidente da APM